

Uma Ciência com Ética, um Cientista Humanista

A Science with Ethics, a Humanist Scientist

João Ferrão

joao.ferrao@ics.ulisboa.pt

Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

Sessão de Homenagem ao Professor António Simões Lopes

19º Congresso da APDR 5 julho 2013

Universidade do Minho, Braga

Há pessoas que, sem o saberem, mudam as nossas vidas. O Prof. António Simões Lopes contribuiu para alterar a vida de muitas pessoas. Foi o que sucedeu comigo.

Nos anos 70, a licenciatura em Geografia da Universidade de Lisboa caracterizava-se por um currículo bastante eclético. Os dois primeiros anos, lecionados na Faculdade de Ciências, garantiam uma formação de base naturalista, incluindo disciplinas como botânica, geologia e zoologia, entre outras. Sobre esta base naturalista tínhamos, na Faculdade de Letras, três anos de formação humanista. Aqui predominavam, naturalmente, as matérias de geografia, mas com incursões importantes noutros domínios, como a história e a etnografia.

Sendo eclética, esta formação tinha, no entanto e do meu ponto de vista, uma lacuna grave: a total ausência do ensino de economia e de sociologia.

Foi, pois, por minha conta e risco que, primeiro enquanto estudante e depois como jovem assistente, me aventurei por estes domínios como autodidata interessado em perceber como integrar os fatores económicos e sociais nas análises geográficas.

Nas leituras que então fiz, rapidamente se destacaram três livros de autores portugueses: *Indústria, Ideologia e Quotidiano*, de João Martins Pereira, publicado em 1974; *Questões Preliminares das Ciências Sociais*, de Adérito Sedas Nunes, editado em 1977; e *Desenvolvimento Regional: Problemática, Teoria, Modelos*, de António Simões Lopes, dado à estampa pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1979.

A leitura de cada um destes livros abriu-me portas para o que então me pareceram admiráveis mundos novos: teorias que desconhecia, autores fascinantes cuja existência ignorava,

contactos pessoais com professores e investigadores portugueses e estrangeiros que, por sua vez, contribuíam para que esses mundos novos se alargassem ainda mais.

Desde então, o triângulo território-sociedade-economia passou a ser o centro das minhas preocupações, não só como académico mas também como cidadão. Aos três autores acima referidos devo, pois, o essencial do meu percurso intelectual e, de forma indireta, profissional e mesmo pessoal. Como no conto de Augusto Abelaira, em que um desvio fortuito de uma pessoa que caminhava no passeio desencadeia uma sucessão de acontecimentos inesperados que lhe irão modificar radicalmente a vida, também o meu encontro accidental com aquelas três obras contribuiu para mudar a minha vida, isto é, as minhas perspetivas, as minhas opções, as minhas prioridades.

Os livros que nos influenciam ganham um significado particular quando temos a sorte e a honra de conhecer pessoalmente os seus autores. Porquê? Porque esse contacto direto nos permite perceber que as palavras que lemos, e as ideias transportadas por essas palavras, só foram possíveis dada a grandeza intelectual, ética e moral de quem as concebeu. Há quem escreva para fechar, delimitar, condicionar. Há, pelo contrário, quem o faça para aumentar as possibilidades de pensar, reforçar a capacidade de debater, melhorar as competências necessárias à decisão e à ação.

Em 1984, António Simões Lopes convidou-me para sócio fundador da Associação Portuguesa de Desenvolvimento Regional, de que viria a ser presidente da direção entre 1988 e 1990. Em 1985, Adérito Sedas Nunes convidou-me para integrar o Instituto de Ciências Sociais, o que sucederá em 1987. E em 1986,

após a defesa da minha tese de doutoramento, João Martins Pereira contacta-me para falarmos sobre o modo como as suas ideias tinham tido reflexo na minha dissertação. Num curto período de três anos a minha vida profissional altera-se radicalmente, por influência de pessoas pelas quais eu tinha o maior respeito intelectual mas que, não conhecendo diretamente, me habituara a admirar como o fazemos em relação às grandes figuras de referência: lendo-os ou, quando muito, vendo-os fugazmente em conferências ou seminários.

António Simões Lopes colocou o desenvolvimento regional na agenda científica portuguesa, contribuiu para a criação de várias gerações de especialistas em planeamento e desenvolvimento regional, ajudou ativamente a estabelecer contactos com especialistas e organizações internacionais neste domínio, tanto de língua inglesa como francesa. O papel fundacional que desempenhou atribui-lhe uma posição ímpar na história da ciência regional em Portugal.

Criar uma escola própria de pensamento e afirmar institucionalmente um novo domínio científico não são tarefas acessíveis a qualquer um. Embora extraordinariamente importante, este não é, contudo, o único aspeto a salientar no legado que António Simões Lopes nos deixou.

De facto, ao lado da componente de inovação, rigor e diálogo interdisciplinar que o académico Simões Lopes sempre praticou, há uma outra faceta, igualmente importante, associada

ao cidadão Simões Lopes. Com ele também aprendemos a terrível força da simplicidade e do respeito pelos outros, da hombridade e da dignidade humana, da ética e da moral. Na academia, nas relações profissionais, em todos os momentos das nossas vidas.

O académico Simões Lopes e o cidadão Simões Lopes eram, na verdade, uma e a mesma pessoa, duas faces da mesma moeda, duas condições que se reforçavam e davam sentido reciprocamente.

Uma ciência a favor da sociedade, com a sociedade. Foi assim que ele sempre pensou a ciência regional, foi com esta perspetiva que ele ensinou e praticou o planeamento e o desenvolvimento regional.

Num período em que o objetivo de desenvolvimento e as preocupações éticas parecem ter sido excluídos do ensino da economia, o legado do académico e cidadão António Simões Lopes ganha um significado especial. A responsabilidade está, agora, do nosso lado. Mesmo sem a grandeza dos verdadeiramente simples, cabe-nos aprofundar e enriquecer a agenda científica e humanista defendida por António Simões Lopes em torno do planeamento e do desenvolvimento regional. A tarefa não é fácil, sabemos-lo bem. Mas, cada um de nós ao seu modo, saberá certamente contribuir para cumprir uma profecia tantas vezes anunciada, e tantas vezes adiada: a do desenvolvimento regional como condição de uma vida coletiva mais digna e justa.